

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

MARIA EDUARDA PONTES BLANC VERAS

**A RELAÇÃO DO ESTUDANTE DE NUTRIÇÃO COM AS DISCIPLINAS DE
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE E SEU IMPACTO NA ATUAÇÃO
PROFISSIONAL**

VOLTA REDONDA

2019

FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**A RELAÇÃO DO ESTUDANTE DE NUTRIÇÃO COM AS DISCIPLINAS DE
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE E SEU IMPACTO NA ATUAÇÃO
PROFISSIONAL**

Artigo apresentado ao curso de Nutrição – Bacharelado como
requisito à obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Aluna: Maria Eduarda Pontes Blanc Veras

Orientador: Prof^ª. Dr. Alden dos Santos Neves

VOLTA REDONDA

2019

Dedico esse trabalho à minha família. Sem dúvida eles foram as bases ajudadoras em todo o percurso para que eu chegasse até aqui.

FICHA CATALOGRÁFICA

Bibliotecária: Alice Tacão Wagner - CRB 7/RJ 4316

V474a Veras, Maria Eduarda Pontes Blanc

A relação do estudante de nutrição com as disciplinas de Ciências Sociais e Humanas em saúde e seu impacto na atuação profissional. / Maria Eduarda Pontes Blanc Veras. – Volta Redonda: UniFOA, 2019.

15 p. II.

Orientador (a): Alden dos Santos Neves

Monografia (TCC) – UniFOA / Curso de Nutrição, 2019.

AGRADECIMENTOS

À Deus, à minha família e meus amigos, que completaram juntamente comigo uma jornada inicial de conhecimento e busca por uma vida melhor.

“A sapiência de como consumir é oculta das massas”.

Maimônides (1135-1204).

RESUMO:

A atuação tímida e principiante dos profissionais de nutrição no contexto de saúde pública, pode estar relacionada ao modelo de ensino biomédico dominante, simplista e fragmentado, que parece não ser eficiente frente às demandas atuais de saúde. O contexto atual de desinteresse dentro do meio acadêmico pelas ciências sociais e humanas em saúde será o tema central a ser discutido nesse presente estudo. O objetivo é compreender a relação dos graduandos em Nutrição com os conteúdos de ciências sociais e humanas presentes em sua grade curricular e o impacto desta relação com a prática profissional do nutricionista, contemplando as principais questões vividas no meio acadêmico e profissional, por meio de estudo de revisão bibliográfica da literatura científica produzida sobre o tema em questão, abrangendo livros, ensaios e artigos científicos entre 2001 e 2017, usando como palavras chave: Socioantropologia da alimentação, atuação profissional e Nutricionista. Foram selecionados 17 artigos a partir da busca em portais científicos, como Google Acadêmico e Scielo. Uma estrutura de ensino que disponibilizasse material didático-empírico, ainda na primeira fase da graduação educacional, retratando a realidade enfrentada pelo profissional nutricionista em sua área de atuação, contribuiria para a abertura de pensamentos críticos, ambientes de discussão prévios, o incentivando de forma natural a ser mais humano, crítico quanto ao sistema, cuidadoso e consciente de sua identidade no ramo que seguir.

Palavras chave: Socioantropologia da alimentação, atuação profissional e Nutricionista.

ABSTRACT

The mind and the main status of clinical students has been associated with the element of clinical blessed institutional, simplicity and fragmentado, that is not associated to demand as current of health. he current context of disinterest within the academic environment by the social and human sciences in health will be the central theme to be discussed in this present study. The objective is to understand the relationship of undergraduate students in Nutrition with the contents of social and human sciences present in their curriculum and the impact of this relation with the professional practice of the nutritionist, contemplating the main issues lived in the academic and professional environment, through study of literature review of the scientific literature produced on the subject in question, covering books, essays and scientific articles between 2001 and 2017 using as keywords: Socioanthropology of food, professional performance and Nutritionist. We selected 17 articles from the search in scientific portals, such as Academical Google and Scielo. A teaching structure that provided didactic-empirical material, still in the first phase of the educational graduation, portraying the reality faced by the professional nutritionist in his area of action, would contribute to the opening of critical thoughts, previous discussion environments, the natural encouragement to be more humane, critical to the system, careful and aware of your identity in the field to follow.

Keywords: Socioanthropology of food, professional performance and Nutritionist.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. MÉTODOS.....	12
3. DESENVOLVIMENTO:	
- Ciências Sociais em saúde na formação dos nutricionistas: uma breve revisão histórica.....	13
- A prática profissional do nutricionista atual.....	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
5. REFERÊNCIAS.....	22

1. INTRODUÇÃO

A atuação tímida e principiante dos profissionais de nutrição no contexto de saúde pública, pode estar relacionada ao modelo de ensino biomédico dominante, simplista e fragmentado, que parece não ser eficiente frente às demandas atuais de saúde. Isso pode, de forma reversa, gerar o desinteresse do aluno frente às disciplinas de ciências sociais e humanas em saúde, gerando um ciclo vicioso (Goulart, 2004; Ferreira, Magalhães, 2007; Boog, 2008).

Parafrazeando Bosi (1988), Canesqui (2005), enfatizou a visão reducionista da Nutrição, que exclui os fatores sociais, demográficos e éticos, após os anos de 1970, nas grades de formação das universidades de nutrição brasileiras: "*Levando a uma baixa compreensão social do profissional nutricionista*".

O contexto atual de desinteresse dentro do meio acadêmico pelas ciências sociais e humanas em saúde será o tema central a ser discutido nesse presente estudo. Como afirma Canesqui e Garcia (2005), o modelo atual de ensino forma um caráter disciplinar e não interdisciplinar dos assuntos, impedindo a conversação das ciências sociais com a formação do profissional nutricionista, em detrimento do que se espera, e portanto, gera um distanciamento significativo entre o aluno dentro da universidade e o profissional engajado no meio da saúde coletiva, o impedindo de praticar sua profissão de forma segura.

Essa distância entre teoria e prática pode se basear em: a necessidade de discutir a identidade do nutricionista como educador dentro das universidades, por professores e alunos, até o fato de haver necessidade de limites profissionais dentro dos meios multidisciplinares, onde há dificuldades de outros profissionais, em saber quais as reais funções dos nutricionistas (Banduck, 2009).

Esse estudo buscará refletir quais as perspectivas de autores e dados da Literatura Científica, estão relacionados à importância das disciplinas de ciências sociais e humanas em Nutrição. O objetivo é compreender a relação dos graduandos em Nutrição com os conteúdos de ciências sociais e humanas presentes em sua grade curricular e o impacto desta relação com a prática profissional do nutricionista, no campo de atuação das políticas públicas de saúde, contemplando as principais questões vividas no meio acadêmico e profissional.

2. MÉTODOS:

Estudo de revisão bibliográfica da literatura científica produzida sobre o tema em questão, abrangendo livros, ensaios e artigos científicos, produzidos no período entre 2001 a 2017, tendo como palavras chave: Socioantropologia da alimentação, atuação profissional e Nutricionista. Foram selecionados 17 artigos a partir da busca em portais científicos, como Google Acadêmico e Scielo.

3. DESENVOLVIMENTO

Ciências Sociais em saúde na formação dos nutricionistas: uma breve revisão histórica

A formação de Profissionais Nutricionistas inseridos nas questões sociais e humanas foi idealizada no início da construção da grade curricular das universidades na década de 30. Na mesma época ocorreu o surgimento de mais centros de educação superior em todo o país e o incentivo a políticas públicas, que visavam a configuração do pensamento social sobre alimentação de maneira mais abrangente. (Canesqui e Garcia, 2005). Vasconcelos e Filho (2011) analisam na literatura científica que Alimentação e Nutrição emergiram, no decorrer do governo Vargas, inseridas nas dimensões científica, profissional e de política pública. Segundo eles, essa ciência foi “*associada à disciplina ‘Higiene Alimentar’*”, encontrando na vertente social a matriz para a constituição do campo na Saúde Coletiva. A partir daí, criam-se diversos cursos de formação para profissionais do ramo em outras áreas da ciência, como por exemplo: nutrólogos, auxiliares de alimentação e economistas domésticas. Reforçados por um cenário posterior de demarcação de fronteiras que definem limites de competência, autonomia e poder das diferentes e interdisciplinares especialidades no campo da Alimentação e Nutrição.

Em um contexto pós-segunda guerra mundial, as políticas e ações que incentivaram e fixaram a importância do assistencialismo alimentar e nutricional, foram articuladas em conjunto com outros países que promoviam os programas internacionais de ajuda alimentar. Eram essas organizações: FAO (Food and Agriculture Organization), o Unicef (United Nations International Children Emergency Fund), o programa de Alimentos para a Paz da USAID (Agency for International Development, dos Estados Unidos da América) e o Programa Mundial de Alimentos (PMA). Esses projetos contribuíram para o norteamento científico da época no Brasil, que conectou os cientistas do ramo com a tese “*do valor eugênico da alimentação na construção da nação e do homem brasileiro*” ou “*do mal de fome e não de raça*”, apontando assim, o caráter antropológico e sociocultural do problema da fome no país, de acordo com o autor. (Vasconcelos e Filho, 2011).

Desde então, uma série de políticas públicas foram instauradas, planos de assistência, programas nacionais, Instituições e publicações científicas que

nortearam as mobilizações dos profissionais do campo. Os livros de Josué de Castro: *Alimentação Brasileira à luz da geografia humana e Geografia da fome*, e a criação da Associação Brasileira de Nutricionistas, fundada em 31 de agosto de 1949, reforçaram as pesquisas nutricionais pautadas nas populações das diferentes regiões do país. Foi um período que inaugurou o pensamento de que as ações em saúde não mais deveriam ser pautadas em tratar a doença, e sim promover a saúde do indivíduo. Mais tarde, moldado e ancorado pelo contexto discutido, o rumo científico brasileiro passou a enfatizar o caráter estrutural do encadeamento fome/desnutrição, analisando a distribuição de renda e terra e a organização social, colocando-os como principais fatores do problema (Vasconcelos e Filho, 2011).

Com a crise do Capitalismo, em 1970, a questão mundial da fome ressurgiu com a intensidade da crise de alimentos, que propiciou maior criação de políticas de planejamentos econômicos e nutricionais como estruturas para instrumentar as políticas sociais, e isso se estendeu por todo território nacional. Todo esse conjunto de ações em saúde promoveram o avanço positivo em todo território nacional, contribuindo para a alimentação de várias famílias, retirando muitos cidadãos do nível de miséria. (Ferreira e Magalhães, 2007; Vasconcelos e Filho, 2011).

Entretanto, tais ações governamentais se difundiram em um novo cenário do perfil de saúde da população, fenômeno conhecido como Transição Nutricional. Nas últimas duas décadas, houve uma mudança radical no perfil epidemiológico nutricional da sociedade brasileira. Ferreira e Magalhães (2007), apontam a ideia de que:

"[...] sem equacionar satisfatoriamente os problemas alimentares relacionados à carência absoluta de alimentos, o país convive com perfis nutricionais distintos, por vezes, sobrepostos. Nota-se a evolução da desnutrição, a permanência das anemias carenciais e o incremento da obesidade e dos agravos relacionados a ela" conforme dizem Ferreira e Magalhães (Cadernos de Saúde pública, p1675, 2007).

Dessa forma, os autores ressaltam que doenças relacionadas ao "excesso nutricional" como diabetes, hipertensão, dislipidemias e outros tipos de câncer, têm exigido dos nutricionistas novas maneiras de análise e intervenção.

Em 1970, a Organização Mundial da Saúde (ONU), realizou em Alma-Ata, no Cazaquistão, a I Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, que

enfatizou a saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como ausência de doença. Também a Carta de Ottawa, importante documento assinado por vários países no Canadá, durante a I Conferência Internacional de Promoção da Saúde, em 1986, definiu cinco áreas mais importantes para a promoção da saúde: políticas públicas saudáveis, criação de ambientes saudáveis, reforço à ação comunitária, desenvolvimento de habilidades pessoais e reorientação dos serviços de saúde (Ferreira, 2007). Assim, inicia-se a jornada de aproximação do entendimento de satisfação de cada cidadão no meio em que ele habita, e a forma como ele se comporta nesse meio, de acordo com sua cultura e realidade social.

Atividades e atribuições do Nutricionista:

O Conceito de que “A saúde é um direito de todos e dever do Estado” (Art. 196 da Constituição Federal Brasileira) abre portas para a noção ampla de saúde que incentiva outros encontros promotores como Rio 90, I Fórum Nacional sobre Promoção da Saúde e a X Conferência Nacional de Saúde, que discutiram a divulgação de espaços para debates acerca do modelo de promoção da saúde voltados para qualidade de vida.

No geral, as críticas levantadas combatiam o modelo reducionista, hospitalocêntrico e de alto custo, que não resolveria os problemas que estavam surgindo. A autora ressalta a importância de uma formação que permita o nutricionista analisar a dinâmica dos problemas enfrentados pelos indivíduos que são assistidos pelos programas de saúde (Ferreira, 2007).

O Perfil desejado para o egresso do Nutricionista, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), é de um profissional generalista, humanista e crítico, possuidor de competência técnico/científica, político-social-educativa e ético-humanista, comprometido com a prática social, capaz de desenvolver com autonomia ações de cuidado à saúde humana nas áreas da alimentação e da nutrição. (BRASIL, 2001). Como citam Canesqui e Garcia (2005), essas diretrizes foram influenciadas por intelectuais que levantaram questões buscando um caráter relacional entre as características biologistas e sociais da fome, visando

intervenções governamentais eficazes para os problemas da fome e miséria vigentes.

Entretanto, a grade curricular de formação do profissional nutricionista da maioria das universidades brasileiras não oferece respaldo teórico e prático para tais diretrizes, dada a discrepância de carga horária mínima teórica e prática entre as disciplinas relacionadas às ciências sociais e humanas, como prova de um estudo feito por Canesqui e Garcia. Na ocasião os pesquisadores realizaram uma análise de como as ciências humanas e sociais participavam das grades curriculares de 42 cursos de nutrição no Brasil, em comparação com o currículo de outros países. Concluiu-se que em relação às disciplinas teóricas, as ciências biológicas e da saúde somam em média 26,57% da carga horária total, enquanto as ciências humanas e sociais respondem por apenas 8,58% em média. E as disciplinas práticas profissionalizantes enfocam 59,68% do total curricular em detrimento da saúde pública, que tem 11,32% da carga horária. Isso demarca o quadro tendencioso da falta de interesse do aluno pela atuação em saúde coletiva (Canesqui e Garcia, 2005).

Pinheiro et al., num estudo transversal realizado na II Conferência de Nutrição no ano de 2010, com recém egressos e Professores da área da Nutrição, apontaram a crítica ao processo de linearidade do ensino. Segundo eles, este processo aborda conteúdos biológicos durante boa parte do curso e deixa as ciências sociais apenas para o final. Isso dificultaria o descobrimento e reflexão sobre saúde pública, já que essa é uma disciplina que se aprende contemplando a realidade social nas diferentes vivências, abrindo espaços para reflexão e discussão sobre modos de intervir nas mesmas.

Desse modo, alunos tem uma oportunidade de análise tardia sobre o conhecimento das áreas de atuação, somadas as dificuldades de aplicação de sua teoria assimilada na prática, (Goulart, 2004), podendo gerar um ciclo vicioso de insucesso como aponta: *“a prática tem pouco profissional pois a formação é frágil, a formação é frágil pois tem pouco profissional na prática”* (Pinheiro, 2012).

Outro assunto interessante para a abordagem neste estudo é um discurso que ocorre na maioria dos cursos: o profissional nutricionista é estimulado pela demanda e fica refém das áreas tendenciadas pelo mercado. Assim, mesmo

apresentando predileção por saúde pública, adormece sua visão em relação a este ramo. Primeiro, por não saber qual função será exercida por ele quando egresso, e depois, por não dispor de um conhecimento prévio suficiente para a prática pública. Aliado ao fato do domínio tecnicista das disciplinas, que incentivam o aluno a estar mais seguro em locais aos quais a teoria que ele estudou se aplica de forma eficiente. E isso pode gerar um conflito de identidade da profissão pelo aluno, que se torna incapaz de distinguir afinidades com as áreas de atuação sociais e humanas (Pinheiro, 2012).

Um outro fator importante a ser discutido é a busca contínua de identidade pelo Nutricionista. Isso pode demonstrar uma falta de empenho das instituições de ensino e corporativas, *“em oferecer embasamento para a capacidade de contemplação contínua sobre seu papel, e luta por autonomia em meio a sociedade.”* (Banduck, 2009). O fato citado acima, enfrentado dentro e fora da universidade, pode ser devido a falta de senso crítico, proatividade e criatividade que vem do ensino médio vivenciado pelo aluno.

É extremamente necessário o confronto de temas como: a alimentação ser um processo que excede o fisiológico, e advém de questões culturais e sociais vividas pelo comensal somado ao relativismo cultural presente na sociedade, a representatividade moderna do alimento, que o torna instrumento de prazer, provocado pela publicidade; a feminização da sociedade e a preocupação dietético-cosmética atual. Todos estes fenômenos estão aliados a uma realidade de fome ainda alarmante num país de várias classes culturais e sociais. O Nutricionista, no entanto, tem como responsabilidade encontrar seu papel em meio a realidades paralelamente distintas, que conversam entre si por estarem sujeitas à mesma distribuição (des)nutricional presente nos alimentos providos da indústria (Lima, 2007; Fonseca, 2011).

Goulart (2004), analisa que a ausência da capacidade crítica e criativa do estudante deve-se desde a estrutura escolar onde ele foi formado, até ao meio social onde convive. O autor defende a pesquisa e extensão como os dois elementos essenciais para a produção de conhecimento, uma vez que: *“o ensinar e o aprender pressupõem, necessariamente, o trabalho de investigação e a presença do aprendiz no mundo em que ele está inserido.”*

Esta reflexão afirma que o professor deve fazer o aluno “aprender a aprender”, sendo portando um “orientador no processo de produção do conhecimento”, uma vez que ao transmiti-lo, estará propiciando ao aluno apto, uma visão crítica sobre o assunto. Em seu estudo, ele defende a cultura como sendo poderosa em envolver o indivíduo nos mecanismos inconscientes da sociedade, o fazendo agir sem saber o motivo. E o papel do educador é de fazer com que o aluno enxergue os fatos sob diferentes perspectivas, formando cidadãos conscientes e sujeitos autênticos, providos de senso crítico e criatividade. Dessa forma, eles se tornariam profissionais desalienados, com olhar compreensivo sobre o indivíduo e os processos que o fizeram pensar de determinada forma, produzindo assim um entendimento holístico e global sobre os indivíduos assistidos (Goulart, 2004).

Motta, Oliveira e Boog (2003), em seu estudo, reforçam a crítica ao modelo de ensino das universidades: dizem que o processo formador do docente, na maioria das vezes pode preparar um pesquisador, mas não um professor, *“tendo em vista que mudanças de mente se resultam de profundas mudanças das bases filosóficas que sustentam as práticas pedagógicas dos professores atuais”*.

Na mesma linha de argumentação, Lima (2017) em seu estudo, reforça a ideia de que o tripé *“ensino-pesquisa-extensão”* é uma ferramenta fundamental para estruturar e valorizar o conjunto das disciplinas ministradas durante o curso de Nutrição. Isso iria estimular o aluno a construir pontes entre a realidade social onde será inserido e o que ele aprendeu, formando assim, profissionais capacitados a intervir de forma compreensiva e sensata, respeitando a individualidade e características culturais dos pacientes.

A prática profissional do nutricionista atual

De acordo com Pádua e Boog (2006), a ausência do nutricionista na rede de atenção básica de saúde, não se deve a uma falha nas atribuições do profissional que estão dispostas na legislação que regulamenta a profissão, e muito menos a uma falta de habilidade técnica em participar das equipes de saúde dos estados brasileiros, mas sim, de uma questão estrutural na política de saúde.

Em análise, Boog (2008) considerou a opinião e visão dos gestores de saúde quanto a importância do Nutricionista no campo de atuação, um fator determinante para a incorporação do mesmo na equipe, e essa visão de poder ultrapassa as demandas sociais pelo serviço, e além de todos saberem a importância que a alimentação e nutrição possuem para a prevenção e tratamento de doenças, também vai contra as diretrizes nacionais de saúde. A autora abre o leque de discussões sobre o quão complexo, necessário e pouco respaldado é o papel do nutricionista como educador junto à equipe multidisciplinar, e apresenta propostas de solução baseadas na junção de forças interdisciplinares. Tudo isso, afim de que se chegue num determinado ponto comum, funcionante e aplicável, objetivando que profissionais, alunos e usuários sejam beneficiados.

Cervato-Mancuso (2012), analisou no centro urbano de São Paulo, que a quantidade de Nutricionistas atuantes na Atenção Básica era inferior a preconização da resolução da CFN: enquanto o certo seria um nutricionista para cinquenta mil usuários, a proporção está de um nutricionista para oitenta mil usuários. Também aponta que os grupos assistidos por faixa etária são em sua maioria, adultos, e não os grupos de risco que necessitam ser assistidos. No que se refere ao grau de vulnerabilidade social, faltam profissionais nas áreas de maior ocorrência.

A autora observa a necessidade de atuação da equipe na insegurança alimentar vivida pelos vulneráveis, que têm acesso limitado à comida e ainda possuem distúrbios nutricionais. Ela também acredita que essa realidade pode ser mudada através da observação pelo Nutricionista dos valores socioculturais dos indivíduos, para realizar orientações dietéticas pertinentes e necessárias, adequando-as aos hábitos e disponibilidade de alimentos dos indivíduos assistidos.

Ao mesmo tempo em que vários desafios estão sendo forjados e dificuldades sendo encontradas, a autora retrata que, dentro das Unidades Básicas de Saúde e

Equipes de saúde da Família, o Nutricionista tem realizado uma mudança no modelo assistencial, como cita Cervato-Mancuso (2012):

“ é possível distinguir claramente a mudança de um modelo de assistência individualista e biologicista, centrado no binômio queixa-conduta e que prioriza o atendimento individual, para um modelo que trata do indivíduo em sua integridade, visando a atuação de uma equipe multidisciplinar que reúne conhecimento de todas as áreas que o compõe, focando o atendimento em grupo.”, como citam Cervato-Mancuso (Ciência & Saúde Coletiva, p.3289-3300, 2012).

Indo até contra seus princípios de formação, e dessa forma escrevendo um novo capítulo de sua história na saúde pública.

Pacheco e Ramos (2014), ilustraram de forma clara em estudo feito, os pontos de vista dos usuários do SUS em relação ao profissional de nutrição. Nas entrevistas, foram levantadas questões sobre quais as atividades realizadas pelos nutricionistas, a importância delas e as expectativas em relação ao trabalho deles. Demonstraram a falta de consolidação do conceito da alimentação e nutrição, visto que este é algo a ser construído na prática e em comunidade, seja grupo de pessoas ou família, gerando mudança de comportamentos.

Em relação à definição do que é o trabalho do Nutricionista, foram citadas funções de outras profissões, demonstrando dessa forma o caráter tênue do limite de atuação do mesmo. De modo geral, os usuários têm uma visão em suma individualista do profissional, que pode ser herança do modelo tradicional de atendimento ao qual foram expostos. Os entrevistados propõem iniciativas de trabalhos em grupo e palestras pela comunidade, a fim de promover a facilitação de aprendizados sobre formas de como cuidar da saúde. Eles afirmam que a criação de um espaço para discussão seria ideal para ampliar o caráter preventivo das ações de alimentação em nutrição pautadas na saúde. Dessa forma, vê-se a necessidade de mudanças na estratégia de abordagem educacional, para o desenvolvimento da identidade do Nutricionista como um agente educador e transformador no papel social. (Pacheco e Ramos, 2014).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com essa análise e encarando o modelo linear e reducionista ao qual as grades de formação profissional estão se baseando, vê-se nítido o distanciamento que o aluno vem a ter quanto a sua perspectiva de ação dentro da saúde pública. E um universitário sem perspectivas, gera um profissional inseguro, sem interesse e despreparado para lidar com um novo universo repleto de questões que o englobam e o mantêm. Uma formação fragmentada, gera ações fragmentadas, e impedem o futuro profissional de ser agente transformador do seu meio, o tornando apenas um repetidor de técnicas de atendimento.

Ao acadêmico, deveria ser oferecida uma estrutura de ensino que disponibilizasse material didático- empírico, ainda na primeira fase da graduação educacional, retratando a realidade enfrentada pelo profissional nutricionista em sua área de atuação. Isso contribuiria para a abertura de pensamentos críticos, ambientes de discussão prévios, e possibilitaria resultados interessantes, sintonizando, com maior fidelidade, o aluno no contexto do dia – a – dia no trabalho, o incentivando de forma natural a ser mais humano, crítico quanto ao sistema, cuidadoso e consciente de sua identidade no ramo que seguir.

5. REFERÊNCIAS:

Pinheiro, A.R.O. et al. **Percepção sobre a formação em Nutrição**. Rev. Nutr., Campinas, v.25, n.5, p. 631-643, 2012.

Banduck, M.L.S. **A construção da identidade profissional na graduação do nutricionista**. Comunicação Saúde Educação v.13, n.28, p.112, 2009.

Boog M.C. **Atuação do nutricionista em saúde pública na promoção da alimentação saudável**. Revista Ciência & Saúde, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 33-42, jan./jun. 2008.

Canesqui, A. M; Garcia, R. W. D. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ,2005.

Canesqui, A.M. **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**. Editora FIOCRUZ, v. 1, p. 257, 2005.

Cervato-Mancuso A. M. et. al. **A atuação do nutricionista na Atenção Básica à Saúde em um grande centro urbano**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 17, n. 12 p.3289-3300, 2012.

Chaves, L. G. et. al. **Reflexões sobre a atuação do nutricionista no Programa Nacional de Alimentação Escolar no Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, v. 18, n. 4, p. 917-926, 2013.

Ferreira, V.A.; Magalhães, R. **Nutrição e Promoção da Saúde: Perspectivas Atuais**. Cadernos de Saúde pública, v.23, p1675, 2007.

Fonseca, A.B. et al. **Modernidade alimentar e consumo de alimentos: contribuições socioantropológicas para a pesquisa em nutrição**. Ciência e Saúde Coletiva, v. 16, n. 9, p. 3853- 3862, 2011.

Goulart A.T. **A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 60-73, 1º sem. 2004.

Lima R.S. **A importância das ciências humanas e sociais no curso de graduação em Nutrição**. Demetra, v.16, n. 1, p.1071-1082, 2017.

Santos, LAS. **Educação Alimentar e Nutricional no contexto da Promoção de Práticas Alimentares Saudáveis**. Revista de Nutrição, v.18, p. 684-692, 2005.

Vasconcelos FAG, Filho, B. M., **História do campo da Alimentação e Nutrição em Saúde Coletiva no Brasil**. Ciência & Saúde Coletiva, v.16, n.1, P. 81-90, 2011.

Motta, M. R.; Boog, M. C. **A formação Universitária em Nutrição**. Pró – posições; V 14, n. 1, p. 69-85, 2003.

Conselho Federal de Nutricionistas. **Resolução CFN nº 380/2005**. Dispõe sobre a definição das áreas de atuação do nutricionista e suas atribuições, estabelece parâmetros numéricos de 104 referência por área de atuação e dá outras providências. Disponível em: < <http://crn1.org.br/images/pdf/res380.pdf> >. Acesso em: Mar, 2019.

Conselho Nacional de educação. **Resolução CNE/CES Nº5/2001**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Nutrição. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES05.pdf>> Acesso em Mar, 2019.

Pacheco, P. M, Ramos, M. **Nutricionista em atenção básica: a visão do usuário**. Demetra, v.9, n.2, p.483-501, 2014.